



OS PASSAGEIROS DA NOITE E AS TESSITURAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: QUEM NÃO SABE LER, NEM ESCREVER PEDE FAVOR. ATÉ QUANDO?

Profa. PhD. Dra. Débora Araújo Leal¹

Prof. Dr. Edinilson Santos Vieira²

Prof. PhD. Dr. Francisco Roberto Diniz Araújo³

Profa. Laís Matos Pereira⁴

RESUMO

Esta pesquisa de campo teve como objetivo geral pontuar alguns indicadores formativos referentes ao processo de ensino-aprendizagem da educação de jovens e adultos tomando como referência seus desafios e possibilidades em uma escola de rede pública da Bahia. Seus objetivos específicos classificam-se por refletir o processo histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na contemporaneidade, detectar as principais dificuldades encontradas pelos alunos e professores que estão inseridos nessa modalidade de ensino, identificar as principais causas de abandono do Aluno EJA e identificar parcerias que possam contribuir com a melhoria na educação de jovens e adultos. Utilizou-se a metodologia da pesquisa descritiva, exploratória, bibliográfica e estudo de caso para averiguação dos resultados. Acredita-se que para alcançar tais objetivos é necessário que cada escola defina seu currículo, pensar e construir coletivamente seus projetos didáticos que traduzidos em ações de visibilidade as necessidades e as aspirações dos educadores contextualizando, assim o mundo do trabalho e a vida cidadã inerente ao universo multicultural dos jovens e adultos. É a partir dessa perspectiva, da escuta e da concepção de espaços que possibilitem aos sujeitos uma inserção social produtiva, que gostaríamos de refletir de modo mais específico sobre esse fenômeno chamado evasão escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Professores, Evasão

INTRODUÇÃO

A evasão dentro da Educação Básica, segundo o censo escolar de 2020, ainda é um problema que assola a educação nacional. A evasão em qualquer etapa, gera discrepâncias dentro da educação, levando estes alunos a terem que buscar a entrada na EJA posteriormente, para conseguir finalizar sua formação inicial. Mesmo dentro desta modalidade de ensino, os índices de evasão são ainda mais altos, chegando até 14% dos alunos matriculados (INEP, 2020).

¹ Reitora da Educaler University - USA, deboraleal@gmail.com;

² Presidente e Fundador da Educaler University - USA, edinilson santosvieira@gmail.com;

³ Pós Doutor em Educação Especial da Université Libre des Sciences de l'Homme de Paris, robertodinizaemd@hotmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Educaler University - USA, lais.matos250617@gmail.com

Frente a esta constatação, busca-se neste trabalho entender e discutir, acerca das situações que podem levar estes alunos a evasão, aprofundando esta temática. A escolha do tema partiu da minha experiência de trabalhar com a EJA e querer muito aprofundar meus estudos no assunto para contribuir cada vez mais no Ensino EJA. Escolhi esse tema para tentar ajudar a manter o Ensino EJA, pois todos os anos, temos muitas dificuldades de formar as turmas de EJA, tendo em vista a dificuldade na matrícula de alunos, devido a vários fatores, como a luta deles para trabalhar por sua sobrevivência, faltando tempo para estudar, e também por terem medo da violência urbana no seu ir e vir de casa para a escola, o que torna o percurso perigoso e violento.

Destas variantes surgem o problema de pesquisa deste trabalho, objetivando entender o que causa a evasão escolar nesta modalidade de ensino. Para que isso seja possível, escolheu-se como metodologia uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo, que entrevista e discute com os dois principais atores deste processo, os alunos e os professores.

Este trabalho possui os seguintes objetivos: Refletir sobre o processo histórico da Educação de Jovens e adultos (EJA) na contemporaneidade; detectar as principais dificuldades encontradas pelos alunos e professores que estão inseridos nessa modalidade de ensino; identificar as principais causas de abandono do Aluno EJA; identificar parcerias que possam contribuir com a melhoria na educação de jovens e adultos.

Assim sendo, na Educação de Jovens e Adultos é imprescindível que o educador conheça profundamente o aluno para que possa desenvolver uma prática que responda às necessidades de cada um, onde os erros sejam explicados e possibilitem intervenções no processo como um todo, garantido o sucesso através de uma avaliação que tenha caráter também formativo.

METODOLOGIA

Para fundamentar o presente trabalho, utilizou-se como tipologia de estudo uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Sendo assim, a pesquisa exploratória visa a uma primeira aproximação do pesquisador com o tema, para torná-lo mais familiarizado com os fatos e fenômenos relacionados ao problema a ser estudado. No estudo, o investigador irá buscar subsídios, não apenas para determinar a relação existente, mas, sobretudo, para conhecer o tipo de relação (SILVA, 2007).

Foram levantados estudos bibliográficos sobre: “A Educação de Jovens e Adultos”, publicados em livros, publicações periódicas, como artigos, jornais, revistas, produções científicas de dissertações e teses. Onde através destes, fosse obtido estudos referentes à temática em questão, colhendo vários pontos de vista dos autores que possuíam alguma produção relevante sobre a temática.

Baseando-se assim, nas obras de Freire (1979), Vygotsky (1989), Soares (2003), os quais enfatizam a preocupação com a formação de pessoas livres, íntegras, criativas e amorosas, que tenham a capacidade de enfrentar os problemas presentes em seu cotidiano, com o intuito de contribuir para a melhoria na relação professor x aluno, na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil sempre foi marcada por iniciativas particulares, sejam estas de grupos, órgãos públicos ou privados, isto é, ações que buscavam mudar a realidade de um grande número de pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular. Impulsionados muitas vezes pela luta de movimentos sociais, movimentos estes, que tentavam quebrar o domínio das elites sobre as classes populares.

No Brasil, a história da Educação de Jovens e Adultos é de certa forma recente, muito embora já acontecesse de maneira esporádica no período colonial, tendo neste período, um enfoque mais doutrinador, objetivando a formação católica de seus alunos, abrangendo um caráter muito mais religioso que educacional.

Uma análise histórica da educação para jovens e adultos evidencia que, ao longo da história da educação brasileira, essa modalidade de ensino apresentou muitas variações. No período colonial, no início do século XVI, os jesuítas vieram para ao Brasil converter os gentios à fé católica. Posteriormente, os jesuítas “[...] se encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos” (HADDAD; PIERRO, 2000, p. 109).

A educação do Brasil remonta à época colonial, a chegada dos jesuítas. As missões Jesuítas tinham como objetivo principal conduzir sua atuação para transmitir a crença religiosa cristã, o que os fazia transmitir normas de comportamentos, boas maneiras e educação, sempre voltadas para valores portugueses.

Contudo, como sua intenção era uma educação com referência no catolicismo, não havia uma preocupação com a leitura e a escrita de jovens e adultos. Esta veio surgir

oficialmente no século XIX, com as primeiras classes noturnas. O marco legal desta ação foi a Constituição de 1824, onde se garantia a educação primária gratuita para todos os cidadãos, e trazia consigo ideais libertários e de igualdade. Outro marco foi o Ato adicional de 1834, este delegou aos Estados a responsabilidade da Educação Básica para o povo, o que com a grande demanda não foi possível atender de forma imediata. (ARROYO, 2017)

É correto então dizer que nessa época as oportunidades de escolarização eram muito restritas, acessíveis a uma minoria da população, ou seja, a uma pequena elite, formada por grandes proprietários de terras, seus filhos e a classe burguesa emergente. Na verdade, a difusão da alfabetização ocorreu no século XX, acompanhando a constituição tardia do sistema público de ensino. Como se pode esperar, com um acesso limitado a escolarização, o analfabetismo era gigantesco em nosso país. (UNESCO, 2008).

Sem uma oferta de alfabetização na idade certa, as crianças se tornavam adultos que não sabiam ler, o que nesta época era até conveniente para as elites, que assim mantinham seu status quo. Foi somente a partir dos anos 1930, que a educação básica para os adultos começou a se destacar na história da educação. Isso ocorreu porque nesse período o Brasil passava por profundas transformações causadas pela industrialização e urbanização, o que fez com que o governo investisse na educação dos adultos com a finalidade de obter mão de obra para a indústria em ascensão.

Em 1945, com o fim do governo Vargas a educação para os adultos continuou em destaque, pois a necessidade de manutenção do governo central e a qualificação da produção se faziam urgentes. Entre os anos de 1958 e 1964 os programas de alfabetização e educação popular tiveram uma forte contribuição do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Para Brandão (2021, p. 21),

A ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação que deve ser um ato coletivo, solidário — um ato de amor, para pensar sem susto -, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto - educação é um diálogo à distância).

Na verdade, ao governo militar não interessava que a população refletisse sobre a realidade social em que vivia. Os programas de alfabetização para os adultos neste período eram somente de cunho assistencialistas e conservadores. Foi nessa época que o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) foi criado.

Sobre o MOBREAL Araújo, (2007, p. 41) enfatiza que:

Este processo, provocado pela reformulação dos militares através do convênio MEC-USAID foi profundamente desagregador. Por outro lado, alguns comentários benéficos apontavam o MOBREAL como uma alternativa viável para solucionar o problema histórico do analfabetismo no Brasil, entretanto, no fundo era um engodo, uma vez que tentava passar a ideia de que realizava um nivelamento. Assim, o cidadão que mal conseguia assinar o seu nome era considerado alfabetizado, além do aspecto profundamente ideologizante que preconizava. Os trabalhadores eram submetidos a verdadeiras lavagens cerebrais para assumirem a defesa do regime vigente e do sistema capitalista.

Vale ressaltar que a metodologia e os materiais didáticos do MOBREAL, eram esvaziados de sentimento crítico e problematizador. Não era permitido ao educando adulto criticar a sociedade, seus problemas, tão pouco propor soluções para estas situações advindas da recessão econômica e social, que diminuía os direitos trabalhistas e a liberdade de expressão da classe trabalhadora brasileira. E assim, como política pública mantenedora de ideologias dominantes rapidamente o MOBREAL se expandiu por todo território nacional.

Falar sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil constitui-se uma tarefa complexa, pela amplitude que esta possui no cenário histórico e político brasileiro, e sobretudo, por ser marcada pela presença e valorização do conhecimento dos espaços não formais de ensino, destacando a influência dos saberes da família, do trabalho, da igreja e do contexto social.

Corroborando com este pensamento Haddad e Di Pierro (2000, p. 14) afirmam que “qualquer tentativa de historiar um universo tão plural de práticas formativas implicaria sério risco de fracasso, pois a EJA estende-se por quase todos os domínios da vida social”.

Fávero (2009, p.56) ressalta que “a história da educação de jovens e adultos não faz parte dos manuais da história da educação brasileira”, nem consta nos livros de nossa história da educação, ressaltando que a terminologia EJA é recente, vindo a “ser utilizada somente nos meados dos anos 1980, quando os problemas relativos aos jovens começaram a ser estudados e as Ciências Sociais passaram a redescobrir a categoria juventude”.

Objetivando fortalecer as discussões em torno da EJA, este capítulo discorrerá, de forma breve, o processo histórico desta modalidade de ensino no contexto da Educação Profissional no Brasil, destacando a educação voltada para as classes populares desde o Brasil Colônia até os dias atuais.

A evasão na EJA decorre dos mais variados motivos e situações, o fato é que, alguns dos motivos iniciam-se na escola, mas facilmente transcendem estes muros, e se apresentam na raiz da sociedade capitalista, onde a força de trabalho é cada vez mais explorada, assumindo

sempre a dianteira, protegendo e aumentando os privilégios e interesses das elites dominantes. Quanto a isso, Campos (2003, p. 12) afirma que:

Os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adultos deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Como podemos perceber, os autores nos apresentam um bom indicativo acerca dos motivos que levariam os educandos a evadirem-se da EJA. Podemos então separar estas situações geradas por duas fontes principais, os fatores causadores advindos de situações internas a escola, e os fatores derivados de situações externas a este meio.

Já discutimos anteriormente acerca dos fatores externos que impelem estes educandos a abandonar os seus estudos novamente, sendo os fatores socioeconômicos os mais importantes. Pois os jovens e adultos que saíram de seus estudos na idade certa, ainda continuam tendo que vender a sua mão de obra, esta necessidade é até maior do que a que inicialmente o tirou da escola. Esta rotina laboral, gera situações como o autor nos fala de incompatibilidade de horários e até mesmo o cansaço corporal causado por um longo dia de trabalho age como fator limitante da aprendizagem.

Focaremos aqui nos fatores internos, apontados por Campos (2003). Estes fatores também são decisivos para a permanência destes alunos ao longo de sua escolarização, pois levam a um aumento gradativo da desmotivação destes que culminará em seu abandono. Em relação a isso, seguiremos os fatores relacionados ao ambiente escolar enumerados por Santos (2007, p.45) que nos mostra:

O cansaço do alfabetizando que trabalha o dia inteiro; a inadequação da sala de aula para jovens e adultos/ idoso, que muitas vezes não tem iluminação adequada; a ausência de um lanche a ser distribuído ao aluno que vem direto do trabalho para a escola; e o despreparo do corpo docente para trabalhar com a especificidade da EJA, pois, muitas vezes o professor não valoriza a experiência de vida que este aluno já traz consigo, como trabalhador, como adulto inserido num processo de produção.

Como vimos, os fatores estruturais são apontados pelo autor de maneira bem contundente, pois evidentemente agem como ferramentas desmotivante para o educando. Sabemos que as infraestruturas das escolas públicas estão cada vez mais sucateadas, situação derivada do investimento aquém das necessidades, fazendo com que os prédios e todas as estruturas relacionadas a educação fiquem pouco a pouco inutilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado em uma Escola da Rede Municipal de ensino, localizada de uma cidade do interior da Bahia. A escola atende na modalidade de Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos. No ano de 2020 foram matriculados um total de 648 alunos, destes 79 alunos eram alunos da EJA nas três turmas que a escola oferta.

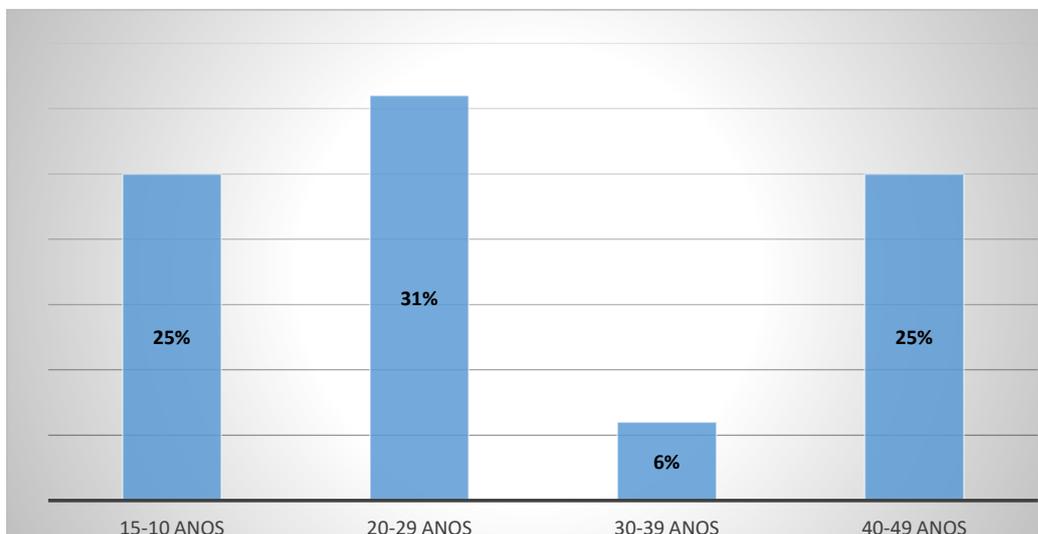
O Projeto Político Pedagógico (PPP) tem como linha condutora a construção de um centro de educação de jovens e adultos baseados no pensar e no agir dos profissionais, pais, alunos e comunidade nela inserida. A partir da diversidade dos envolvidos no processo educacional busca-se um consenso para realizar uma escola para todos, onde a base seja uma aprendizagem significativa, que transforme, ou contribua para modificar positivamente a realidade dos nossos alunos, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O público participante deste trabalho totalizou 23 pessoas, sendo 20 alunos de turmas de EJA, buscando-se pegar alunos que estivessem em cada uma das três turmas da escola, e 3 professores que atuam nas respectivas turmas. A partir disso, foi analisado as respostas de cada participante e apresentados através de gráficos e tabela como demonstra a seguir. Fez se uso de outra técnica de coleta de dado bastante significativa para uma pesquisa investigativa que foi a entrevista, esta, por sua vez permitiu nos extrair uma visão mais clara do nosso objetivo.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Acerca disso Gadotti nos diz que (2010, p. 31) “O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos”.

Iniciando nossa análise destes fatores e situações, que se provam cada vez mais complexos, discutiremos a visão dos alunos. É de extrema importância nos aprofundarmos neste ator, por conta de que todo o sistema da EJA é pautado e desenvolvido para ele, portanto, ao entendermos bem esta variante, fica mais fácil entender as demais, e assim traçar possibilidades para conseguir suplantar a evasão escolar nestas turmas.

Gráfico 01- Faixa etária dos alunos participantes



Fonte: Pesquisa de Campo 2021.

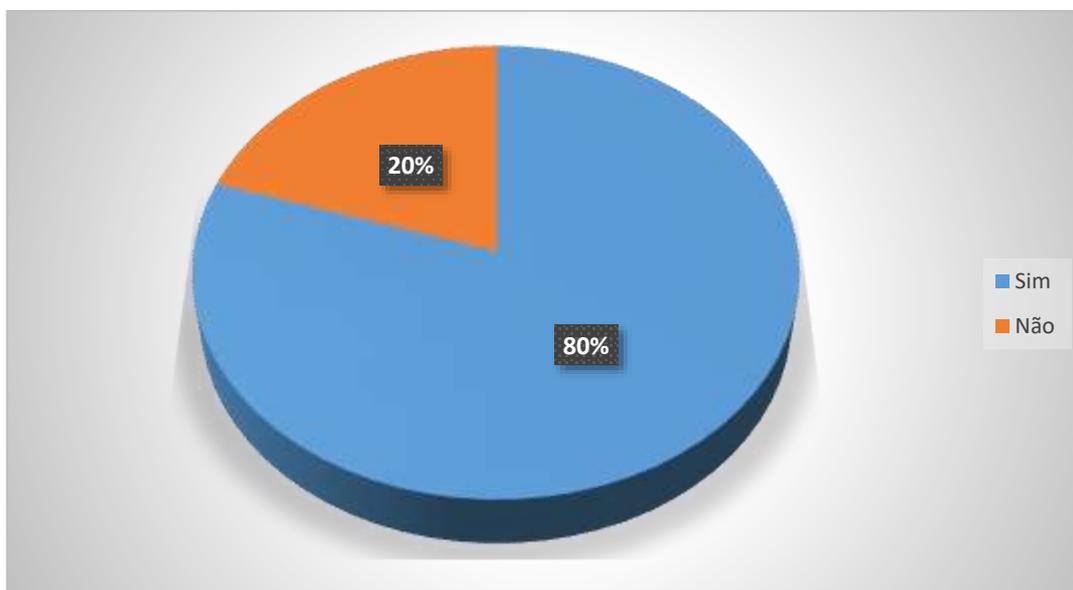
Analisando o resultado do gráfico 1 podemos perceber que a faixa de idade variou de 15 a 49 anos, sendo a maior a compreendida entre 20-29 anos de idade. Percebemos também que a maioria dos participantes são do sexo feminino, ou seja, 84%, e 26% do sexo masculino. Sobre Os quantitativos constatados estão de acordo com o CENSO escolar de 2020, que aferiu quantitativos semelhantes (SOARES, 2003).

O quantitativo de mulheres matriculas ser maior que o de homens é explicado por Silva (2001. p.8):

A inserção das mulheres no mercado de trabalho traz consigo uma mudança no modo em que elas passam a se relacionar com a escolarização. A pressão das mulheres pela conquista de igualdades, relacionadas a cargos e salários, vem acompanhada pela qualificação profissional, mesmo que atuem em funções que ela não seja necessária, o mínimo que se obriga é o término da escolarização obrigatória.

Como podemos ver pela fala dos autores, a mulher vem a cada ano que passa lutando por mais igualdade e espaço dentro da sociedade. Para que esta luta tenha êxito, a busca por estudos e qualificação profissional é o primeiro passo, apesar de que ainda vivemos em uma sociedade machista, que perpetua o sexo em detrimento da qualificação, ainda sendo comum as mulheres receberem salários menores que os homens, mesmo executando os mesmos serviços.

Gráfico 02- identificação dos alunos com a Escola



Fonte: Pesquisa de Campo 2021.

Perguntou-se aos alunos entrevistados se eles se identificam com a escola a qual estudam, tendo como resultado que 80% se sentem identificados com a escola e seus ambientes, já 20% falaram que não se identificam com a escola em que estudam.

O aluno da EJA já tem suas opiniões formadas, e viveu inúmeras experiências na vida, as quais muitas vezes, o desestimulou de continuar os estudos. Assim, apesar de não estar mais na condição de criança, ele necessita de muita atenção e carinho, pois esta relação afetuosa serve como incentivo para não desistirem de continuar na escola, conservando sua autoestima elevada, mostrando-lhes que são capazes, independente da diferença de idade que há entre o professor e ele, ou até mesmo entre ele e seus colegas de classe.

Segundo Rêgo (1995) Vygotsky concebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza. Então, é perceptível que não há como desunir o afetivo do intelectual, uma vez que o ser humano precisa ser entendido como um todo, e não de forma dualista, isto é, separando a razão da emoção. Caso essa separação aconteça, é provável percebermos a presença de lacunas no processo de aprendizagem.

Atores de histórias de vida diferenciadas, os alunos da modalidade de ensino aqui abordada, possuem trajetórias escolares marcadas pela exclusão, e em muitos casos, sentem-se envergonhados por esta condição vivenciada, de ter parado de estudar, ou de estar na escola

num momento considerado por eles "tarde", além disso, se preocupam muito com o novo, com as descobertas, sentem receio de falar em público, de errar, e até mesmo de não ter a atenção esperada.

Neste contexto é válido ressaltar a importância de uma atuação por parte do professor, que valorize não apenas o aspecto cognitivo, mas também o afetivo, para que mostre ao aluno que ele é aceito independente de suas condições de vida, e deve, portanto, confiar no seu potencial de aprender, e conduzir seu aprendizado.

A EJA é uma modalidade de ensino que requer metodologias diferenciadas, pois refere-se a um público formado por jovens e adultos, que vivem em uma fase da vida na qual os valores culturais e sociais são diferentes dos das crianças e adolescentes, e que precisam ser vistos com outros olhos. Os conteúdos trabalhados com esses alunos devem ser dados de uma forma que tenham um sentido para as suas vidas. O professor precisa dinamizar suas aulas, utilizando práticas pedagógicas diferenciadas.

O professor tem papel fundamental no processo de construção do conhecimento. Ele é o mediador entre o aluno e os conteúdos, promovendo a interação dos mesmos por meio de intervenções pedagógicas intencionais, provocadoras e desafiadoras, pois, segundo Freire (2001, p.11) a "leitura do mundo precede a leitura da palavra" o que possibilita perceber que tudo o que se aprende não está no mundo por acaso, ou naturalmente, e o cotidiano do qual se faz parte, está aí desde todo o sempre, é histórico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, podemos tirar diversas conclusões, que deixam em perspectivas mais claras as variantes que induzem os alunos da EJA serem os verdadeiros passageiros da noite abordado por Arroyo (2017) que traçam suas tessituras na Educação no Brasil, e afirmamos quem não sabe ler, nem escrever pede favor. Até quando? Esta realidade precisa ser mudada em nosso país a evasão ainda é latente nesta modalidade de ensino.

Dentre os diversos fatores que corroboram para esta desistência, podemos enumerar os seguintes: Falta de estímulo familiar, distancia da escola, falta de transporte para chegar até o local de aula, relacionamentos conflitantes com os seus colegas, funcionários da escola e professores, choque de horários entre a escola e o trabalho, cansaço do dia de trabalho e falta de perspectivas futuras.

Perante ao aferido, afirmamos que um dos grandes desafios enfrentados por esses alunos da EJA é tentar conciliar o trabalho com o estudo. Tornando a evasão escolar um grave problema social. E é essa cobrança por qualificação imposta pelo mercado de trabalho que torna necessária a busca por aperfeiçoamento profissional cada dia maior. É visível que as causas para evasão escolar são várias e dependem dos mais variados fatores. Desde a escola com um sistema de ensino “engessado”, os problemas sociais, familiares e econômicos do próprio aluno. E na EJA essa problemática assume uma configuração mais concreta, pelo perfil do alunado. Alunos mais velhos que sentem o peso do tempo perdido, buscando recuperar a vivência acadêmica.

Diante do esgotamento físico e psicológico, o aluno que na maioria das vezes já está inserido no mercado, precisa se esforçar duas vezes mais para vencer as barreiras e retornar à escola. O aluno encontra práticas pedagógicas defasadas e professores desmotivados. Justificando mais uma vez a falta de interesse. Fazendo com que mudanças no dinamismo das aulas e inovação sejam soluções urgentes a serem tomadas, a fim de amenizar o risco do alunado deixar a sala de aula.

O aluno da EJA é um estudante totalmente diferente do aluno regular, que já possui suas crenças e valores formados, tendo uma visão de mundo que pode agir como uma situação limitante da sua aprendizagem. Outro fator que temos que evidenciar é em relação ao histórico de exclusão que estes alunos sofreram ao longo da vida, marginalizando-os frente a educação como um direito de todos.

Percebemos que a grande maioria dos alunos entrevistados é composto por mulheres, o resultado encontrado se assemelhou com os aferidos no Censo escolar, onde as mulheres são a maioria dos alunos matriculados na EJA. Tal situação se dá em função de ainda vivermos em uma sociedade que não trata na mesma igualdade as mulheres, oferecendo a elas trabalhos e remunerações abaixo dos ofertados aos homens, outro fator segundo os autores estudados que explica estes números seria a gravidez na adolescência, que afasta e dificulta a conclusão dos estudos na escola regular.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2007.

ARROYO, M. G. da. **Escola coerente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 2017.



BRANDÃO, Z. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil. In **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 64, nº 147, maio/agosto 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 23 de dez. 1996.

CAMPOS, E, L, F.; Oliveira D. A. **Infrequência dos alunos trabalhadores** - em processo de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

DI PIERRO, M. C. HADDAD, F. **Notas sobre a definição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. (Vol. 26, ed. especial). Educação e Sociedade, Campinas. 2010.

FÁVERO, M.H. Os fundamentos teóricos e metodológicos da psicologia do conhecimento. Em M. H. Fávero & C. da Cunha (Orgs.), **Psicologia do Conhecimento. O diálogo entre as ciências e a cidadania**. Brasília: Liber Livro. 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez: 2001.

_____. **Educação como prática para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Freire, 1987.

GADOTTI, M. & ROMÃO, J. E. (orgs). **Escola cidadã**: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

REGO, T. **Vygotsky**: Uma Perspectiva Histórico-cultural da Educação. Petrópolis: Vozes. 1995.

SANTOS, S. C. **O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor aluno**: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 08, n. 1, janeiro/março 2007.

SILVA, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SOARES, M. **Linguagem e Escola**. Uma perspectiva social. 15ª ed., São Paulo: Ática, 2003.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014)**. Brasília: Unesco. 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.